

Padres Fidei Donum: encíclica e cotidiano

Fidei Donum Fathers: encyclical and daily

Antônio Torres Montenegro
Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, Brasil

Resumo

Este artigo realiza inicialmente uma apresentação histórica do cenário social e político do Brasil nas décadas de 1950 e 1960, em especial do Nordeste, quando os primeiros padres denominados Fidei Donum imigraram. Em seguida, é realizada uma breve análise de algumas passagens da encíclica *Fidei donum*, relacionada com o cenário de descolonização da África. É destacado que a convocação de padres missionários de países do Norte para atuarem no continente africano é estendida à América Latina; e estes tinham como missão precípua combater o comunismo e o protestantismo. As entrevistas de história oral realizadas com alguns padres missionários que atuaram no Nordeste do Brasil permitem refletir como na prática cotidiana alguns não atenderam à recomendação desta Encíclica. E ao se solidarizarem com as necessidades das camadas pobres da população, foram denominados de comunistas, e, após o golpe de 1964, passaram a ser interrogados por agentes policiais e militares, presos e mesmo expulsos.

Abstract

This article initially makes a historical presentation of the social and political scenario in Brazil in the 1950s and 1960s, especially in the Northeast, when the first priests named Fidei Donum immigrated. Then, a brief analysis of some passages of the encyclical Fidei Donum, related to the scenario of decolonization in Africa, is carry out. It is highlighted that the summoning of missionary priests from Northern countries to work on the African continent is extended to Latin America: and, these had as their main mission to combat communism and protestantism. Oral history interviews carried out with some missionary priests who worked in the Northeast of Brazil, allows us to reflect on how, in daily practice, some did not comply with the recommendation of this Encyclical. And by showing solidarity with the needs of the poorest layers of the population, they were called communists and after the 1964 coup, they were interrogated by police and military agents, arrested and even expelled.

Palavras-chave

Experiências históricas.
Relatos de memória.
História e cotidiano.

Keywords

Historical experiences.
Memory reports.
History and everyday life.

Introdução

Os caminhos da pesquisa são constantemente marcados por imprevistos e perplexidades. A descoberta dos padres *Fidei Donum*¹ e sua transformação em objeto de pesquisa seguiram por caminhos e descaminhos.

No final do século passado, estava debruçado sobre a temática das lutas sociais e políticas em Pernambuco antes do golpe de 1964 e nos anos posteriores. Colhia o foco das minhas investigações a criação das Ligas Camponesas, as alianças do Partido Comunista² e a visibilidade pública que a luta por direitos dos trabalhadores rurais gradativamente alcançava no nível nacional e internacional. A desapropriação do Engenho Galileia para fins de reforma agrária, símbolo da construção do movimento das Ligas Camponesas, no final de 1959, no governo do usineiro Cid Sampaio (PE), produziu uma reação de diversos setores da sociedade³.

Na Assembleia Legislativa de Pernambuco, e no Congresso Nacional, a desapropriação de Galileia foi apresentada como um sinal do comunismo. A imprensa estadual e a de outros estados, especialmente do Rio de Janeiro e São Paulo, produziram reportagens dizendo que era uma ameaça sem precedentes à classe dos proprietários rurais e ao que denominavam paz agrária⁴.

Por outro lado, neste período alguns padres e bispos da Igreja Católica do Brasil haviam realizado movimentos que denotavam a necessidade de uma mudança de atitude em face dos crescentes problemas sociais, sobretudo no meio rural. Na historiografia, é bastante comentada a 1ª Semana Ruralista,

¹ A encíclica *Fidei donum*, do papa Pio XII, veio a público em 21 de abril de 1957, convocando os sacerdotes, diáconos e leigos da Igreja do Ocidente para missões, especialmente na África, para auxiliar os prelados locais. Traduzindo literalmente, *fidei donum* quer dizer “o dom da fé”. Disponível em: w2.vatican.va/content/pius-xii/es/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_21041957_fidei-donum.html. Acesso em: 15 fev. 2021.

² No Congresso ocorrido em Belo Horizonte em 1961, convocado pela União dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas (Ultab), Julião conseguiu o apoio do plenário para a sua tese de que a revolução deveria caminhar do campo para a cidade. Após este Congresso, ocorreu um afastamento entre estas duas forças políticas na condução das lutas dos trabalhadores rurais. In: FERREIRA, Jorge. *João Goulart: uma biografia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011, p. 270.

³ PORFÍRIO, Pablo. *Medo, comunismo e revolução*. Pernambuco (1959-1964). Recife: Editora Universitária/UFPE, 2009, p. 47-52.

⁴ PORFÍRIO, 2009, p. 44-47.

realizada em setembro de 1950 pelo bispo de Campanha (MG), dom Inocêncio Engelke, em que é debatida, entre diversos temas, a necessidade da reforma agrária no Brasil. Este evento teve a participação de párocos rurais, fazendeiros, professoras rurais, entre outros segmentos⁵. Outro sinal da mudança de postura do clero encontra-se na instalação por dom Eugênio Sales do Serviço de Assistência Rural (SAR), em Natal, também na década de 1950. Esta atividade irá inspirar outros trabalhos semelhantes em Sergipe, com dom José Vicente Távora, em Pernambuco, com o padre Paulo Enes Crespo⁶, bem como na Paraíba, como registra Regina Novaes⁷. Vale ainda destacar, quanto a esta mudança de postura de setores do clero em relação à problemática social no meio rural, o I Encontro dos Bispos do Nordeste, que ocorreu na cidade de Campina Grande (PB), de 21 a 26 de maio de 1956. O objetivo do evento foi o de colocar em debate as condições da extrema pobreza vivida pela região Nordeste. Participaram inúmeros religiosos, ministros, técnicos, políticos e, o presidente da República, Juscelino Kubitschek⁸.

Nas notas para a imprensa, a justificativa do deslocamento social e político de parcela de bispos católicos do Brasil a favor dos trabalhadores(as) pobres é a de que atendiam à recomendação papal, pois “em todos os documentos que o Papa Pio XII vem endereçando ao mundo se pode encontrar neles uma alusão direta ou indireta aos problemas sociais dos nossos tempos”⁹. Desta forma, embora não haja referência nos documentos oficiais dos bispos ao denominado avanço do comunismo, não se desconhece a preocupação da Igreja Católica, e em instâncias do Estado, de que a condição

⁵ DOMBROWSKI, Osmir. A opção pelo Estado: um estudo sobre o envolvimento da Igreja Católica com o problema da reforma agrária no Brasil. *Cadernos do Ceas*: Revista crítica de humanidades, no. 223, 2006. Disponível em: <https://cadernosdoceas.ucsal.br/index.php/cadernosdoceas/article/view/166/146>. Acesso em: 18 jul. 2021.

⁶ Entrevista da equipe do CPDOC com o padre Paulo Enes Crespo em 1978. Disponível em: www.fgv.br/cpdoc/historal/arq/Entrevista216.pdf. Acesso em: 18 jul. 2021.

⁷ NOVAES, Regina Reyes. *De corpo e alma*: catolicismo, classes sociais e conflitos no campo. Rio de Janeiro: Graphic, 1997, p. 33.

⁸ Na análise realizada por Mauro Koury: “as pressões e recomendações do Primeiro Encontro dos Bispos do Nordeste influenciarão de modo decisivo a política governamental para a região”. In: KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. *Práticas instituintes e experiências autoritárias*: o sindicalismo rural na mata pernambucana (1950-1974). Rio de Janeiro: Garamond, 2012, p. 63.

⁹ MONTEIRO, Alencar. O encontro dos bispos. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, vol. 37, p. 119-122, 30 jun. 1956.

de pobreza de vastas camadas da população favorecia a recepção do discurso da esquerda pelos trabalhadores(as) rurais e urbanos¹⁰. Logo, uma das estratégias para barrar este avanço, sobretudo no meio rural, será o apoio à criação dos sindicatos de trabalhadores rurais¹¹.

Assim, quando da passagem de André Franco Montoro - filiado ao Partido Democrata Cristão - pelo Ministério do Trabalho, de setembro de 1961 a julho de 1962, um grupo de bispos do Nordeste solicita o fim dos entraves burocráticos que barram a aprovação dos pedidos de reconhecimento dos sindicatos de trabalhadores rurais. Dessa maneira, em 1º de maio de 1962, o ministro atende a solicitação dos bispos e anuncia a aprovação de diversas cartas sindicais. A Igreja, que até então não tinha um meio oficial para influir na luta por direitos sociais e trabalhistas no meio rural, passa a disputar a hegemonia pela direção dos sindicatos rurais com a esquerda. Está aberta a disputa entre católicos, comunistas e as Ligas pela direção dos sindicatos rurais. No final de 1963, só em Pernambuco já existem 43 sindicatos, com diretorias eleitas a partir do trabalho desenvolvido pela Igreja, em que o SORPE exerce uma influência direta¹². Neste período, a atuação da Igreja no meio rural é vista, por setores da esquerda, como reformista e conciliatória com os interesses dos proprietários rurais; portanto, incapaz de erradicar as injustiças que - da perspectiva da esquerda - apenas seriam conquistadas por meio de um processo revolucionário¹³.

Em face do exposto, é possível compreender como no período que antecede o golpe militar de 1964, bem como nos primeiros anos da ditadura

¹⁰ O tema do deslocamento social e político de uma parcela dos bispos da Igreja Católica do Brasil, que passou a atuar na formação de líderes sindicais rurais, tem sido alvo de diversas análises. MAINWARING, Scott. *Igreja Católica e política no Brasil: 1916-1985*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1999, p. 72-77.

¹¹ Para mais informações históricas acerca da atuação da Igreja, sobretudo junto aos trabalhadores rurais, ver o artigo de Iraneidson Costa. In: COSTA, Iraneidson Santos. Os bispos nordestinos e a criação da CNBB. *Interações: Cultura e Comunidade*, vol. 9, no. 15, p. 109-143, jan./jun. 2014.

¹² LESSA, Sonia Sampaio Navarro. *O movimento sindical rural em Pernambuco: 1958-1968*. 1985. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife. 1985, p. 36-44.

¹³ RIDENTE, Marcelo. *O fantasma da revolução brasileira*. 2. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2010, p. 77.

civil militar no Brasil, a Igreja Católica do Brasil é apresentada como instituição de apoio aos militares¹⁴.

Os padres *Fidei donum*

O estudo e a pesquisa sobre o período posterior ao golpe de 1964 apontaram para a necessidade de ampliar o campo documental em busca dos registros produzidos pelas Regionais Nordeste da CNBB e pelo Centro de Estatísticas Religiosas e Investigações Sociais (Ceris). À medida que estudava a documentação relacionada especificamente com a Igreja Católica, a investigação conduziu aos arquivos do DOPS/PE e ao Arquivo Nacional do Rio de Janeiro. Foi lá que localizei, na documentação do Serviço Nacional da Informação (SNI), incontáveis registros de padres e bispos apresentados como comunistas.

Além da pesquisa em arquivos, iniciei contatos com padres para realização de entrevistas de história oral, tendo como foco as experiências vivenciadas no período anterior e posterior ao golpe de 1964.

Ao iniciar estas entrevistas, novas questões no nível historiográfico foram formuladas, pois os relatos possibilitavam conhecer como determinados períodos e acontecimentos foram vivenciados. Muitos relatos orais de memória se constituíam em narrativas de experiências. Era assim possível apreender como parcela de padres e bispos elaboravam/representavam as múltiplas situações que vivenciaram nas relações com os fiéis, com seus pares e com diferentes agentes do Estado. E, dessa maneira, relatavam e justificavam as ações que desenvolviam no apoio às lutas por direitos sociais das camadas pobres da população¹⁵.

Entre os padres entrevistados, gradualmente fui tendo oportunidade de conhecer aqueles que emigraram da Europa para o Nordeste do Brasil,

¹⁴ MAINWARING, 1999, p. 53.

¹⁵ Entre as entrevistas realizadas com bispos, destaco a de dom Antonio Batista Fragoso e que possibilitou escrever o capítulo: “Arquiteto da memória: nas trilhas dos sertões de Crateús”: In: GOMES, Angela de Castro (Org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2004, p. 309-333.

entre o final da década de 1950 e na década de 1960. Importante destacar que, em 1957, o papa Pio XII convocava os padres da Europa e da América do Norte, por intermédio da encíclica *Fidei donum*, a ajudar os países africanos. Havia, por parte do papa, um receio de que em face do reduzido número de padres naquele continente, e das lutas de descolonização, que ocorriam desde o final da Segunda Guerra Mundial, os povos da África fossem subsumidos pelo comunismo e por outras religiões¹⁶. Este movimento de propor ações missionárias na África estendeu-se a outros continentes. O papa João XXIII, que sucedeu Pio XII em 1958, reforçou o convite à colaboração do clero de alguns países do Norte, não apenas para o continente Africano, tendo em vista a carência de vocações sacerdotais na Igreja da América Latina.

Os padres que concordaram em realizar ação missionária no Brasil, neste período, atendiam a convocação papal motivados pelas reflexões e propostas contidas na encíclica *Fidei donum*. Neste aspecto, uma dimensão que destaco nesta encíclica é seu caráter colonialista e civilizatório na forma como são apresentados os povos europeus. As práticas de dominação, racismo, exploração e genocídio então praticados por governos europeus na África são inteiramente silenciados.

Ler a encíclica *Fidei donum*

Publicada em abril de 1957, esta encíclica registra a parceria tácita entre a Igreja Católica e determinados países europeus na defesa da campanha de domínio e exploração dos povos da África, sob o manto do discurso civilizatório cristão. Embora afirme o apoio às lutas de descolonização, ressalta que estes sofrem ameaças gravíssimas. Ao situar historicamente este discurso, é conhecida a influência crescente da União Soviética nas lutas de descolonização: “Sem a intervenção da União Soviética e dos seus aliados nas lutas da África Austral, a libertação desta região seria

¹⁶ Vide encíclica *Fidei donum*: I. A situação da Igreja na África: 4 a 9. Disponível em: https://www.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_21041957_fidei-donum.html. Acesso: 20 jul. 2021.

provavelmente ainda mais retardada, em ao menos uma geração”¹⁷. A citação do historiador africano Ali A. Mazrui possibilita estabelecer um prisma de leitura para algumas passagens do documento papal.

No início do texto da encíclica, no tópico 3, é afirmado: “Falamos da África que agora emerge para a humanidade mais civilizada de nosso tempo e para a maturidade política, e se vê a braços com circunstâncias de excepcional gravidade, talvez jamais igualada nos anais de sua antiquíssima história”¹⁸.

Este discurso colonialista e racista encontra-se na contramão da postura de organismos internacionais naquele período. Deve-se registrar que, em 1952, Claude Lévi-Strauss, como secretário-geral do Conselho Internacional de Ciências Sociais da Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura da ONU, escreveu *Raça e história*, para compor uma coleção da Unesco cujo objetivo era combater o racismo. A tese fundamental da obra de Lévi-Strauss é a do relativismo cultural e, portanto, a crítica ao evolucionismo e ao etnocentrismo. Desta maneira, contestava a concepção muito difundida da superioridade dos valores culturais europeus que acompanham o projeto neocolonial Europeu desde o século XIX, sob o nome de civilização¹⁹. Assim, é possível perceber como o documento papal se alinha a uma perspectiva oposta a que a ONU defendia no início da década de 1950.

Ainda na mesma encíclica, no item “I. A situação da Igreja na África - Alegrias e preocupações”, numa passagem do tópico 6 é afirmado:

E nós mesmo, várias vezes, exortamos as nações interessadas a entrarem no caminho reto, levadas por sincero desejo de paz e de mútuo respeito. “Portanto, já que assim é - dissemos a algumas - não seja negada àqueles povos a justa liberdade política, que com o tempo vai aumentando, nem posto qualquer entreve a ela”; a outras, concitamos a “agradecerem à Europa seu acesso a essa dignidade: porque, sem o

¹⁷ MAZRUI, Ali A. Cap. 5. Procurai primeiramente o reino político. In: HISTÓRIA geral da África, VIII: África desde 1935. Brasília: UNESCO, 2020, p. 167.

¹⁸ Vide encíclica *Fidei donum*: I. A situação da Igreja na África: 4 a 9. Disponível em: www.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_21041957_fidei-donum.html. Acesso em: 20 jul. 2021.

¹⁹ SILVÉRIO, Valter Roberto. *Síntese da coleção História geral da África: século XVI ao século XX*. Brasília: UNESCO; MEC; UFSCar, 2013, p. 341.

reconhecimento de sua influência em todos os domínios, poderiam, movidas por um amor cego ao próprio engrandecimento, cair na grave desordem antiga ou ser levadas à escravidão”²⁰.

O agradecimento que o Papa Pio XII acentua dos povos africanos à Europa diz da aliança entre Igreja Católica e Estados europeus no período. A parceria silencia ou procura apagar a história que no século XXI começa a ser reescrita. Os governos de alguns países europeus têm sido pressionados a reconhecerem os crimes cometidos contra diversos povos naquele continente e a se desculpar: “Pela primeira vez, um monarca belga expressa ‘profundo pesar’ pelos crimes cometidos pelo país e pelo rei Leopoldo 2º na antiga colônia. Declaração ocorre no 60º aniversário da independência do Congo”²¹. Nesta perspectiva, a Inglaterra assumiu os crimes praticados naquele continente: “Reino Unido: Igreja Anglicana e Banco da Inglaterra reconhecem e pedem desculpas por papel desempenhado durante a escravidão”²². A Alemanha também passou a reconhecer o genocídio cometido contra povos africanos:

Os massacres contra os povos herero e nama pelo colonizadores alemães deixaram entre 75 mil e 100 mil mortos, quase levando à sua extinção. [...] Quase 120 anos depois, a antiga potência colonial e o atual país africano [Namíbia] finalizam um acordo histórico, que vem sendo negociado desde 2015, pelo qual a Alemanha reconhecerá oficialmente que cometeu genocídio, pedirá desculpas e anunciará um pacote de compensações financeiras aos descendentes das vítimas²³.

O reconhecimento dos crimes cometidos por diversas nações europeias contra os povos da África diz como esta tem sido uma longa batalha contra o

²⁰ Vide encíclica *Fidei donum*: I. A situação da Igreja na África: 4 a 9. Disponível em: www.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_21041957_fidei-donum.html. Acesso em: 20 jul. 2021.

²¹ Disponível em: www.dw.com/pt-br/rei-da-bélgica-lamenta-passado-colonial-do-pa%C3%ADs-no-congo/a-53995929. Acesso em: 24 jul. 2021.

²² Disponível em: www.business-humanrights.org/es/latest-news/reino-unido-igreja-anglicana-e-banco-da-inglaterra-reconhecem-e-pedem-desculpas-por-papel-desempenhado-durante-a-escravid%C3%A3o/. Acesso em: 24 jul. 2021.

²³ Disponível em: www1.folha.uol.com.br/mundo/2021/05/alemanha-prepara-reconhecimento-de-genocidio-africano-que-foi-precursor-do-nazismo.shtml?origin=folha. Acesso em: 24 jul. 2021.

negacionismo e a falsificação “orwelliana” da memória²⁴. Sobretudo, em algumas sociedades que insistem em apagar ou não reconhecer crimes cometidos contra outros povos no passado e no presente.

Por outro lado, ao considerar-se a história da Igreja Católica do Brasil, esta sempre se ressentiu da falta de padres. Nesse sentido, a presença de sacerdotes de outros países para auxiliar o trabalho eclesial é uma constante na história da Igreja do Brasil. Embora a relação entre padres brasileiros e de outros países tenha muitas vezes se constituído num palco de disputas e conflitos, sobretudo, em razão da diversidade de princípios e valores sociais, culturais, políticos e religiosos²⁵. Tomando como referência os anos de 1964, 1970 e 1980, é possível ter uma pequena representação da presença significativa de padres imigrantes no clero do Brasil.

Composição do clero brasileiro

Padres segundo a origem	1964	1964	1970	1970	1980	1980
	Número	%	Número	%	Número	%
Total	12.589	100,0	13.092	100,0	12.688	100,0
Brasileiros	7.263	57,7	7.654	58,5	7.653	60,3
Imigrantes	5.326	42,3	5,438	41,5	5.035	39,7

Fonte: Centro de Estatísticas Religiosas e Investigações Sociais (Ceris).

Os padres europeus e da América do Norte que desembarcaram no Nordeste, e em especial em Pernambuco, antes do golpe de 1964, foram contemporâneos do discurso das Ligas Camponesas que criticava padres e pastores que agiam como aliados dos grandes proprietários. Em um texto - de 1960 - impresso em formato de cordel²⁶, com o título *Cartilha do camponês*, Francisco Julião difundia entre os trabalhadores(as) rurais a seguinte narrativa:

²⁴ “Falsificação orwelliana da memória” é uma expressão do escritor italiano Primo Levi. In: LEVI, Primo. *Os afogados e os sobreviventes*. Os delitos, os castigos, as penas, as impunidades. Tradução de Luiz Sérgio Henriques. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004, p. 26

²⁵ SERBIN, Kenneth P. *Diálogos na sombra: bispos e militares, tortura e justiça social na ditadura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 136-137.

²⁶ Publicação relacionada com a literatura popular, impressa em livretos de baixo custo, e normalmente escrita por poetas populares.

O latifúndio diz assim: “Deus castiga aquele que se rebela contra ele. Se um é rico e outro é pobre, se um tem terra e outro não, se um deve trabalhar com a enxada para dar ‘cambão’ e outro se mantém e se enriquece com o fruto desse ‘cambão’, se um vive num palácio e o outro numa palhoça, é porque Deus quer. Quem se rebela contra isso, se rebela contra Deus. Sofre os castigos do céu: peste, guerra e fome. E quando morre vai para o inferno. O pobre deve ser pobre para que o rico seja rico. O mundo sempre foi assim. E há de ser sempre assim. É Deus quem o quer...” Assim fala o latifundiário ao camponês. Usa o nome de Deus para assustarte. Porque tu crês em Deus. Porém esse Deus do latifundiário não é teu Deus. Teu Deus é manso como um cordeiro. Se chama Jesus Cristo. Nasceu em um estábulo. Viveu entre os pobres. Se rodeou de pescadores, camponeses, operários e mendigos. Queria a liberdade de todos eles. Dizia que a terra devia ser de quem trabalha. E o fruto era comum. São suas as seguintes palavras: “É mais fácil um camelo passar por um buraco de uma agulha, que um rico entrar o reino dos céus”. Porque afirmava essas coisas foi crucificado pelos latifundiários do seu tempo. Hoje seria fuzilado. Ou o internariam num asilo de loucos. Ou seria preso como comunista. Escuta bem o que te digo camponês. Se um padre ou pastor te fala em nome de um Deus que ameaça o povo com peste, guerra e fome, raios e trovões e o fogo do inferno, saiba que esse padre ou esse pastor são servos do latifúndio e não um ministro de Deus²⁷.

O texto da cartilha, possivelmente lido nas rodas de camponeses, em face da tradição oral do cordel no Nordeste, deve ter causado impacto entre muitos(as) trabalhadores(as) rurais. É este cenário conflagrado que uma parcela dos padres Fidei Donum narra ter encontrado, ao se instalar no Nordeste.

Aqueles padres vindos da Europa e da América do Norte em plena ditadura, e que desconheciam a história das lutas sociais em alguns estados do Nordeste, precisaram de um período de tempo para descobrirem a memória construída sobre o denominado “tempo das ligas camponesas”.

O padre José Servat, natural de Pamiers, França, nasceu em 1922, ordenou-se em 1947. Emigrou para o Brasil após contatos com o arcebispo de Olinda e Recife dom Helder Camara em final de 1964, durante o Concílio

²⁷ JULIÃO, Francisco. *Cartilha do camponês*. Recife: CEHIBRA/Fundaj, 1960. Localização: FJ/Plp 5 doc. 40.

Vaticano II. Na entrevista de história de vida para a pesquisa que realizei sobre a atuação dos padres Fidei Donum no Nordeste, relembra as dificuldades encontradas para estabelecer um diálogo com os(as) trabalhadores(as) rurais sobre as condições de vida e trabalho.

Os trabalhadores da cana não queriam conversar comigo e não respondiam as perguntas que lhes fazia. Quando eu falava, eles lembravam do catecismo das crianças, da missa ou dos assuntos de padre. Mais tarde, explicaram-me que esse tipo de assunto, como terra, salário e trabalho eram assuntos de Francisco Julião e das Ligas Camponesas e isso fez “o pau cantar!”. Muitos desses trabalhadores foram espancados em 1964, depois do golpe militar, quando milhares de pessoas foram presas²⁸.

O relato do padre Servat apresenta sua leitura de como os(as) trabalhadores(as) respondiam, ao serem indagados sobre temas relacionados com as condições de vida e trabalho. Possivelmente, só após adquirir a confiança dos mesmos e conhecer a história recente de Pernambuco e do Brasil, pôde compreender porque nos primeiros tempos do trabalho religioso com esta classe não conseguia refletir coletivamente sobre determinados temas.

Os relatos de memória de história de vida, ao reconstruir experiências, podem ser lidas como individuais e sociais. Esta dimensão indissociável do individual imbricado ao social, como acentua Maurice Halbwachs, possibilita refletir que, ao ser narrada, uma lembrança carrega incontáveis signos culturais, sociais, políticos comuns a outros grupos de pessoas²⁹. Dessa maneira, os testemunhos carregam a marca fiduciária, como assinala Paul Ricoeur, e são reconhecidos como verdadeiros, embora expressos de maneira individualizada³⁰.

²⁸ MONTENEGRO, Antonio Torres. *Travessias: padres europeus no Nordeste do Brasil (1950-1990)* Recife: Cepe, 2019, p. 250.

²⁹ HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução de Laurent L. Schaffter. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais LTDA, 1990, p. 36-47.

³⁰ RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução de Alain François. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007, p. 172-175.

Aproximações documentais: releituras teóricas e metodológicas

Um dos primeiros aspectos que destaco no confronto da encíclica *Fidei donum* e o testemunho de parcela de padres que desembarcaram no Brasil, no final da década de 1950 e a década de 1960, foi a dissonância entre a diretriz oficial e as experiências vivenciadas/narradas. Sobretudo, porque uma das missões destes padres, em atendimento às diretrizes da encíclica, era o combate ao comunismo. O padre Comblin narra em testemunho no livro *Travessias* que:

Pio XII estava angustiado pelo futuro da Igreja na América Latina. Para ele o número reduzido de sacerdotes era um problema terrível. Ele já estava pensando numa possível conquista da América Latina pelo comunismo... Também estava assustado pela ideia de uma invasão de pastores protestantes que tinham saído da China. Como resistir a tantos ataques com poucos padres?³¹.

No entanto, muitos padres *Fidei Donum*, ao passarem a conviver com as populações pobres urbanas e rurais, descobrem uma realidade de miséria e injustiça social que desconheciam. Porém, ao decidirem desenvolver ações em suas paróquias a favor dos mais pobres, são surpreendidos com a denominação de serem “padres comunistas”. Assim, no período da ditadura - 1964 a 1985 - estes padres foram vigiados e alvos de intimidações, prisões, sequestros, expulsões e assassinatos.

Logo, avalio importante registrar como o fazer eclesial cotidiano, para muitos padres que vieram em missão *Fidei Donum* para o Brasil, significou uma ruptura com as diretrizes desta encíclica.

Alguns testemunhos destes padres registram como a orientação oficial e centralizada da Cúria Romana, sobretudo, no que tange ao combate ao comunismo, a condenação de outras religiões e a prática civilizatória europeia, não será atendida. É possível pensar que historiograficamente certos dispositivos institucionais estabelecidos no plano macro-histórico são

³¹ MONTENEGRO, 2019, p. 127.

subvertidos no plano da aplicação cotidiana e analisados da perspectiva da micro-história³².

Neste sentido, inicio pelo testemunho do padre holandês Lambertus Bogaard que desembarcou em Recife em 27 de outubro de 1958, aos 28 anos de idade, sem falar uma palavra de português. Quando o entrevistei em sua residência em Natal, em 1998, tinha 68 anos e era professor aposentado da Universidade Federal do Rio Grande do Norte desde 1992. Atuou como padre missionário realizando desobrigas por inúmeras cidades do Nordeste até 1962, quando torna-se pároco de Sousa³³. Em um trecho do seu relato de história de vida, afirma:

Mas, infelizmente, na minha diocese não havia muita preocupação por parte da cúria e dos padres brasileiros com os problemas sociais. Por isso a maioria era a favor desta tal de revolução e do movimento Deus, Pátria e Família. E, por extensão, os padres que tinham uma preocupação social eram queimados. Eu mesmo fui queimado. Os militares têm um dossiê de tudo que eu fazia. Um dia meu filho disse: “Papai, vai lá buscar seu dossiê, porque depois da democratização você tem direito”. Mas era uma coisa! Meus sermões eram fiscalizados. Tinha um programa semanal no rádio, nas segundas-feiras ao meio-dia, que cobria a área da diocese. Esse programa era todo gravado, porque depois o Exército me disse tudo que afirmei nesses programas.

Nunca fui realmente preso, mas fui intimado cinco ou seis vezes para depor. Na primeira vez, em razão da minha amizade com Mariz³⁴. Devia testemunhar dizendo o que ele fazia e não fazia, embora soubesse de muito pouca coisa. Outras três vezes me chamaram para São Gonçalo, perto de Sousa, onde havia uma residência do Dnocs³⁵ na qual o

³² MONTENEGRO, Antonio Torres. *Padres e artesãos: narradores itinerantes*. Revista *História Oral*, vol. 4, p. 39-54, 2001.

³³ Sousa é um município do estado da Paraíba. Pertence à mesorregião do Sertão paraibano. Localiza-se a oeste da capital, João Pessoa, distante cerca de 438 quilômetros. Disponível em:

<http://ibge.gov.br/cidadesat/painel/historico.php?codmun=251620&search=paraiba%7Csousa%7Cinphographics:-history&lang>. Acesso em: 2 jul. 2017.

³⁴ Antonio Marques da Silva Mariz nasceu em 5 de dezembro de 1937 em João Pessoa (PB). Durante sua carreira política, foi prefeito de Sousa (1963-1969), deputado federal pela Paraíba por quatro mandatos, senador (1991-1994) e governador da Paraíba de 1º de janeiro de 1995 até 16 de setembro de 1995, quando veio a falecer de câncer.

³⁵ O Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (Dnocs) é um órgão criado em 1909, vinculado ao Ministério da Viação e Obras Públicas, com o nome de Inspetoria de Obras Contra as Secas. Em 1919, passou a chamar-se Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas (Ifocs) e, em 1945, recebeu o nome atual. Encontra-se vinculado ao Ministério da Integração Nacional, e a sede da administração central encontra-se em Fortaleza, Ceará. Sua legislação básica tem

Exército tinha se instalado. Na terceira vez, já estava tão cheio dessas besteiras que disse ao soldado que veio me chamar: “Não vou mais. Se quiserem conversar comigo, venham aqui, com hora marcada. Já fui várias vezes, não tenho tempo para perder”. Realmente vieram me buscar de jipe e fui atendido na hora. Outra vez fui chamado ao batalhão em Campina Grande e outra vez fui para o Quarto Exército em Recife³⁶, onde fiquei mais de 4 horas sob interrogatório.

Esses interrogatórios eram ridículos. Queriam saber se Mariz era comunista, quais minhas atividades, o que se fazia nas escolas municipais e na paróquia, por que não me metia só com as coisas da Igreja. E eu respondendo: “Estou me metendo só com coisas da Igreja. Só que não sou padre de andar de batina rezando o breviário e o povo morrendo de fome. Como padre, como vigário também sou responsável por todas essas coisas”³⁷.

A afirmação de Lambertus de que, na diocese de Sousa, a cúria e os padres brasileiros não revelavam preocupação social, não contempla a complexidade das experiências socioculturais e a diversidade da formação social de muitos clérigos brasileiros. No entanto, destaco neste testemunho do padre Lambertus que a prática eclesial que realiza, por estar voltada para ações de solidariedade às necessidades das camadas pobres da população, era alvo de intimidação dos órgãos policiais e militares. Prática comum no período da ditadura (1964-1985) e de que foram alvo diversos(as) religiosos(as), como registrado em livros e artigos.

O amplo leque de experiências narradas pelos padres que imigraram para o Brasil neste período revela como não é possível pensar numa perspectiva totalizante que formule sínteses gerais sobre os múltiplos embates que vivenciaram com a hierarquia eclesial, com o governo e com os fiéis.

por finalidade executar políticas do governo federal, no que se refere a beneficiamento de áreas e obras de proteção contra as secas e inundações, irrigação, saneamento básico, assistência às populações atingidas por calamidades públicas e cooperação com os municípios, possuindo grande atuação no semiárido do Nordeste e norte de Minas Gerais. Disponível em: www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/departamento-nacional-de-obras-contra-as-secas-dnocs. Acesso em: 3 jul. 2017.

³⁶ Em 1985, o IV Exército mudou sua denominação para Comando Militar do Nordeste.

³⁷ MONTENEGRO, 2019, p. 354-355.

A opção teórica para operar com o descontínuo interrompe a lógica das análises que apresentam sentidos homogeneizantes e teleológicos para o estudo historiográfico dos múltiplos eventos. A historiadora Arlette Farge destaca em suas análises que, ao se privilegiar “o que se furta à síntese, apreende-se o texto, o arquivo ou o fato que aí se aloja, como se se tratasse de uma incerteza, de um estado jamais certo, de um acontecimento que é e não será jamais o mesmo”³⁸. O relato de memória do padre francês Xavier Maupeou, ao ser recebido pelo bispo auxiliar de São Luís em fevereiro de 1963, dom Antonio Fragoso, segue numa direção inteiramente oposta ao relato do padre Lambertus Bogaard:

Quando cheguei no Maranhão, em fevereiro de 1963, mergulhei na realidade social do Brasil. Foi difícil inicialmente. Dom Fragoso era bispo auxiliar de São Luís, e, na oportunidade em que nos recebeu, fez o seguinte comentário: “Xavier, nós pedimos um padre para o mundo operário. Tínhamos necessidade de um padre que viesse do mundo operário. Tu não vens do mundo operário, tu não conheces o mundo operário. Precisávamos de um padre maranhense, mas não temos, e tu não sabes nada do Maranhão”. Em seguida, apresentou-me a uma moça que estava ao nosso lado e disse: “Estás vendo essa moça? Ela faz parte de uma pequena equipe de jovens trabalhadoras. Elas vão te ensinar tua tarefa sacerdotal, tua profissão de padre”. Foi dessa equipe composta de oito moças que comecei a entrar no mundo operário dos bairros de São Luís³⁹.

A leitura deste relato possibilita compreender como a identidade do padre Xavier construída nos Seminários Franceses foi contestada e um novo desafio apresentado por seu superior, dom Antonio Fragoso. Uma equipe de jovens trabalhadoras seriam suas mestras na nova formação para a profissão de padre no Maranhão. E rememora como aprendeu “a nova profissão” ao passar a viver na periferia, em casas construídas sobre a maré: “pude acompanhar de perto a história dessas famílias que vinham do interior sem nada. Percebi de perto a profunda injustiça social”⁴⁰. Entretanto, outro

³⁸ FARGE, Arlette. *Lugares para a história*. Tradução de Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011, p. 10.

³⁹ MONTENEGRO, 2019, p. 377-378.

⁴⁰ MONTENEGRO, 2019, p. 380.

problema era a relação dos padres com os fiéis nas missas, quando observou que estes não entendiam o que os padres falavam:

Pude então observar que o padre podia ser italiano, francês ou maranhense, mas o povo não entendia a pregação. [...] Nesse momento, decidi ir morar nas palafitas para tentar entender o povo, seu linguajar, sua cultura. E é claro que quem não viveu isso não alcança a dimensão real do que é o povo⁴¹.

Desta forma, morando junto aos pobres, aprendeu a falar de uma forma que o compreendessem. Esta prática pastoral foi o pretexto para, no início da década de 1970, ser alvo de denúncia caluniosa e preso pela Polícia Federal, junto com o padre José Antônio Magalhães Monteiro, que foi torturado. Ambos eram padres no interior do Maranhão, nos municípios de Urbano Santos e São Benedito. A farsa construída para justificar estas prisões e a tortura a que foi submetido o padre José Antônio Magalhães Monteiro provocaram o cancelamento da nomeação do policial federal João Batista Campelo em 1999, no governo do presidente Fernando Henrique Cardoso⁴².

O terceiro relato que seleciono para o mosaico de vivências dos padres que imigraram sob a égide da encíclica *Fidei donum* é do padre José Comblin, que em 1958 atende a um convite do arcebispo dom Paulo de Tarso Campos, da cidade de Campinas, São Paulo. Narra que o arcebispo, que estudara em Louvain, solicitara ao colégio latino-americano daquela Universidade três padres com doutorado. Comblin foi o primeiro a chegar ao Brasil, e relembra a recepção: “O arcebispo acolheu-me com muita gentileza, mas sem nenhuma alusão aos motivos do convite para virem três doutores para a Diocese de Campinas”⁴³. Os colegas desembarcaram alguns meses depois e Comblin foi recebê-los no Rio de Janeiro, e acrescenta: “e o arcebispo os acolheu com a mesma gentileza, mas sem dizer nada. Falava

⁴¹ MONTENEGRO, 2019, p. 380.

⁴² Reportagem da revista *IstoÉ* com informações acerca de como o presidente Fernando Henrique Cardoso cometeu erro político ao impor a nomeação de João Batista Campelo como diretor-geral da Polícia Federal e, três dias depois, se viu obrigado a demiti-lo. Este não resistiu à denúncia do ex-padre José Antônio Magalhães Monteiro, que disse ter sido torturado em 1970 pelo delegado. A relação de FHC com o ministro da Justiça, Renan Calheiros, também sofreu forte desgaste, pois este foi atropelado pela decisão, já que era contrário à nomeação de Campelo. Disponível em: https://istoe.com.br/32205_O+PASSADO+CONDENOU/. Acesso em: 13 set. 2021.

⁴³ MONTENEGRO, 2019, p. 130.

muito, mas era para não dizer nada”⁴⁴. O acordado era para os três padres belgas permanecerem na diocese de Campinas por cinco anos, no entanto, após três anos e meio, foram conversar com o arcebispo: “Senhor arcebispo, temos a impressão de que aqui estamos sobrando; o senhor nos permite que procuremos outra diocese? Ele não fez objeção nenhuma”⁴⁵.

Os padres Carl Laga e Michel Schooyans, ainda permaneceram em São Paulo alguns anos, lecionando na Faculdade de Teologia de Marília. Comblin foi para o Chile, após aceitar o convite do padre McGrath para realizar um projeto de renovação da teologia ensinada na Faculdade Católica de Teologia de Santiago. Entretanto, o plano de renovação dos estudos da teologia não se realizou, porque McGrath foi nomeado bispo de Santiago de Veraguas, no Panamá, e seu sucessor era um canonista que não partilhava com o projeto⁴⁶.

Comblin cumpriu o período do contrato com a Faculdade Católica de Teologia de Santiago, e em 1964 aceitou o convite de dom Helder Camara para colaborar no Seminário Regional Nordeste II, e se mudou em 1965⁴⁷.

Nos sete anos - 1965 a 1972 - em que atuou na Arquidiocese de Olinda e Recife, dois eventos se tornaram marcantes em sua vida e foram estudados em livros, artigos, teses e dissertações acadêmicas⁴⁸. O primeiro ocorreu em 1968, quando um texto escrito para assessorar dom Helder no Encontro do Celam em Medellín, e distribuído entre um pequeno grupo de colaboradores, foi repassado a um vereador anticomunista. Este divulgou na imprensa, e teve início uma acirrada disputa na sociedade civil, na sociedade política e no

⁴⁴ MONTENEGRO, 2019, p. 132.

⁴⁵ MONTENEGRO, 2019, p. 135.

⁴⁶ MUGGLER, Monica Maria. *Padre José Comblin*. Uma vida guiada pelo Espírito. São Bernardo do Campo: Nhanduti Editora, 2012, p. 59.

⁴⁷ MONTENEGRO, 2019, p. 62.

⁴⁸ Destaco entre os artigos, dissertações e teses: SOUZA, A. R. Do Recife a Medellín: aspectos históricos e pastorais. *REVER - Revista de Estudos da Religião*, São Paulo, vol. 18, no. 2, p. 35-45, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.23925/1677-1222.2018vol18i2a3>.

SANTOS, M. R. B. *Padre José Comblin e a Ditadura Militar: religião, discurso e práticas cristãs nos anos de Chumbo (1968-1972)*. 2014. 181 f. Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.

CAPPELLETTI, P. *Conversão e justiça social em José Comblin*. 2012. 146 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2012.

CARDONHA, J. *A Igreja Católica nos “Anos de Chumbo”: resistência e deslegitimação do Estado autoritário brasileiro 1968-1974*. 2011. 543 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.

judiciário, alguns defendendo a expulsão de Comblin e a transferência de dom Helder, e outros em defesa de ambos. Outro evento marcante, foi a estratégia construída pelo aparato militar repressor para bani-lo do Brasil. Ao retornar em 1972 do curso que ministrava no período de férias de janeiro a março em Louvain, na Bélgica, é detido no aeroporto dos Guararapes, em Recife. Após algumas horas de indecisão das autoridades locais, é embarcado para o Rio de Janeiro. No aeroporto do Galeão, será interrogado/acusado de comunista por um general e depois colocado num voo de retorno a Europa. Nos oito anos seguintes, foi impedido de retornar ao Brasil. Em 1980, os advogados da Comissão Justiça e Paz conseguiram finalmente um visto provisório de turista e estabelece sua morada na Paraíba, em Serra Redonda. Apenas em 1986, obteve o visto permanente⁴⁹.

Considerações finais

Estes fragmentos da história de vida dos três padres europeus (Lambertus nascido na Holanda, Xavier na França e Comblin na Bélgica) apresentados neste artigo possibilita conhecer como vivenciaram distintas experiências, na recepção dos bispos que os acolheram. Comblin, após o primeiro período em Campinas (SP) e uma estada de alguns anos no Chile, retorne ao Brasil para atuar junto a dom Helder e sua equipe, numa experiência pastoral muito próxima da que o padre Xavier vivenciou no Maranhão.

Como analisado neste artigo, as diretrizes gerais da encíclica *Fidei donum* no que tange ao caráter anticomunista, antiecumênico e civilizatório/colonialista foram inteiramente “desobedecidas” na prática cotidiana dos três padres e certamente de outros que imigraram, sobretudo, em tempos de ditadura civil militar (1964-1985).

Por outro lado, nos três testemunhos é possível compreender que para a ditadura o trabalho cristão/solidário junto às camadas pobres da população

⁴⁹ MUGGER, 2012, p. 171.

é sinônimo de ser comunista, e a justificativa para serem vigiados, interrogados, presos e até expulsos.

Referências

CAPPELLETTI, P. *Conversão e justiça social em José Comblin*. 2012. 146 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2012.

CARDONHA, J. *A Igreja Católica nos “Anos de Chumbo”*: resistência e deslegitimação do Estado autoritário brasileiro 1968-1974. 2011. 543 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.

COSTA, Iraneidson Santos. Os bispos nordestinos e a criação da CNBB. *Interações: Cultura e Comunidade*, vol. 9, no. 15, p. 109-143, jan./jun. 2014.

DOMBROWSKI, Osmir. A opção pelo estado: um estudo sobre o envolvimento da Igreja católica com o problema da reforma agrária no Brasil. *Cadernos do Ceas*. Revista crítica de humanidades, no. 223, 2006. Disponível em: <https://cadernosdoceas.ucsal.br/index.php/cadernosdoceas/article/view/166/146>. Acesso em: 18 jul. 2021.

FARGE, Arlette. *Lugares para a história*. Tradução de Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

FERREIRA, Jorge. *João Goulart: uma biografia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Trad. Laurent L. Schaffter. São Paulo, Editora Revista dos Tribunais LTDA, 1990.

JULIÃO, Francisco. *Cartilha do camponês*. Recife: CEHIBRA/Fundaj, 1960.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. *Práticas instituintes e experiências autoritárias: o sindicalismo rural na mata pernambucana (1950-1974)*. Rio de Janeiro: Garamond, 2012.

LESSA, Sonia Sampaio Navarro. 1985. *O Movimento Sindical Rural em Pernambuco: 1958-1968*. 1985. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife. 1985.

LEVI, Primo. *Os afogados e os sobreviventes. Os delitos, os castigos, as penas, as impunidades*. Tradução de Luiz Sérgio Henriques. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

MAINWARING, Scott. *Igreja Católica e política no Brasil: 1916-1985*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1999.

MAZRUI, Ali A. Cap. 5. Procurai primeiramente o reino político. In: HISTÓRIA geral da África, VIII: África desde 1935. Brasília: UNESCO, 2020.

MONTEIRO, Alencar. O Encontro dos Bispos. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, vol. 37, 30 jun. 1956.

MONTENEGRO, Antonio Torres. Arquiteto da memória: nas trilhas dos sertões de Crateús. In: GOMES, Angela de Castro (Org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2004.

MONTENEGRO, Antonio Torres. Padres e artesãos: narradores itinerantes. In: Revista História Oral, 4, 2001.

MONTENEGRO, Antonio Torres. *Travessias: padres europeus no Nordeste do Brasil (1950-1990)*. Recife: Cepe Editora, 2019.

MUGGLER, Monica Maria. *Padre José Comblin. Uma vida guiada pelo Espírito*. São Bernardo do Campo: Nhanduti Editora, 2012.

NOVAES, Regina Reyes. *De corpo e alma: catolicismo, classes sociais e conflitos no campo*. Rio de Janeiro: Graphic, 1997.

PORFÍRIO, Pablo. Medo, comunismo e revolução. Pernambuco (1959-1964). Recife: Editora Universitária, UFPE, 2009.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução de Alain François. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

SERBIN, Kenneth P. *Diálogos na sombra: bispos e militares, tortura e justiça social na ditadura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SILVÉRIO, Valter Roberto. *Síntese da coleção História Geral da África: século XVI ao século XX*. Brasília: UNESCO; MEC; UFSCar, 2013.

SOUZA, A. R. Do Recife a Medellín: aspectos históricos e pastorais. *REVER - Revista de Estudos da Religião*, São Paulo, vol. 18, no. 2, p. 35-45, 2018.

Trabalho submetido em 27/09/2021.
Aceito em 15/12/2021.

Antônio Torres Montenegro

Professor Titular do Departamento de História da Universidade Federal de Pernambuco.
Este artigo é resultado de pesquisas realizadas como bolsista produtividade do CNPq.
Email: montenegroantonio084@gmail.com